

- D -

VISITA À CÂMARA
De RUBEM BRAGA

D - s/data

Passei uns 7 ou 8 meses sem ir à Câmara; e outro dia precisei ir lá para falar com um amigo. Um industrial paulista falava sobre economia e finanças, apertado por um magro liberã mineiro. Eram discutidas intermináveis questões de ordem sobre um projeto referente a uma enchente. Mas na verdade só se pensava na cassação. A idéia da cassação péssima sobre a Câmara como um mau pensamento, excitando-a e deprimindo-a ao mesmo tempo. O corpo legislativo se prepara para fazer em si mesmo essa suja operação. Vai, por maioria de votos, mutilar-se. E essa temporada pré-operatória, que os interessados alargam com todas as proteções ao seu alcance, tem algo de pre-agônico. Não são apenas os deputados condenados, aqueles que serão expulsos da Casa, que as sumam aos nossos olhos um ar de vítimas. Esse ar lamentável, nós o sentimos em muitos dos deputados que se preparam para aprovar o projeto que não poucos deles sabem errado e ímoral.

Sentado um instante na tribuna da imprensa, entre aquela fauna esquiva que a frequenta - sujeitos com cara de primo de suplente e senhoras gordas com jeito de muito amigas da família de doutor fulano - tive, a certa altura um ataque de malancolia.

Sim, pensei na velhice. Estou ficando histórico! Ouço, nesse mesmo recinto, vozes de 1930, de 1936, 1937... Antes dessa Câmara de hoje vi a de dois outros regimes. E mais. Lembro-me do dia em que fui falar a um amigo qualquer da Agência Nacional, no Palácio Tiradentes - em 1940 ou 1941 - e ele me trouxe a esse mesmo recinto. Sentei-me na cadeira do presidente, diante de filas de botões de campanha e olhei a grande sala vazia. Como nesses jogos de imagens tão fáceis de fazer no cinema, olho agora outra vez o recinto e todos esses vultos somem no ar, e a voz do orador e o marmúrio das bancadas vão se perdendo no seio de um enorme silêncio. Um silêncio pesado de consciências...

De consciências que se demitem.